



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

Um olhar agroecológico para os Serviços Ecossistêmicos



GENTE QUE FAZ O PROJETO

Conheça a Comissão de Pesquisa

PÁGINA 5



DIÁRIOS DE CAMPO

Ecossistemas Educomunicativos e combate ao racismo: diálogos sobre Identidade Quilombola

PÁGINA 25



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Biodiversidade e serviços ecossistêmicos: A agricultura urbana produz mais que alimentos

PÁGINA 21

Agroecologia e Tecnologia Social: Fortalecimento das Agriculturas Locais

PÁGINA 32

Intercâmbios e Atividades de Museologia e Turismo de Base Comunitária

PÁGINA 44

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO





Um olhar agroecológico para os Serviços Ecossistêmicos

A agricultura convencional, baseada no uso de insumos externos, não é sustentável, por muitas razões. Uma delas é o intensivo uso de fertilizantes minerais e agrotóxicos, que causam impactos ambientais e problemas de saúde (tanto entre os trabalhadores envolvidos na produção, como nos consumidores dos alimentos), o reflexo desigual sobre as economias, com o fortalecimento dos grandes produtores exportadores de commodities em detrimento das economias camponesas, além da perda de biodiversidade e redução das potencialidades das contribuições da natureza para as pessoas, também chamados de serviços ecossistêmicos (SE).

Mas o que são serviços ecossistêmicos? Esse é um termo que torna explícito “os benefícios que as pessoas obtêm dos ecossistemas”. São definidos como “as contribuições diretas e indiretas da natureza para o bem-estar humano”, e sua conceituação enfatiza a dependência humana de processos naturais. Assim, o conceito de Serviços Ecossistêmicos chama atenção para as interações e interdependências entre natureza, sociedade e economia. São exemplos: pro-





dução de alimentos, regulação climática e hídrica, recursos genéticos e polinização. Sabemos que a sustentabilidade da agricultura depende de um amplo conjunto de SE, como fertilidade do solo e polinização por insetos.

No entanto, essas contribuições estão em declínio em muitas partes do mundo. No Brasil, isso é muito impactante, pois é um território que contém biomas de altíssima biodiversidade global, dentre eles o Cerrado e a Mata Atlântica. A relevância da manutenção dessa biodiversidade para a provisão de diversos serviços ecossistêmicos e para o bem-estar humano, através de estratégias de conservação que respeitem diferentes modos de vida, junto com a necessidade de reduzir emissões de carbono, vem sendo a cada dia mais evidenciada pela ciência.

Muitos estudos mostram que a integração de princípios ecológicos nas práticas agrícolas pode aumentar tanto a produção e qualidade de alimentos quanto outros SE, mantendo os agroecossistemas mais saudáveis e resilientes. Neste contexto, a **agroecologia** é um campo muito expressivo, pois aborda os sistemas agrícolas a partir de perspectivas ecológicas e socioeconômicas, tendo como objetivo principal o desenvolvimento de sistemas de produção justos e sustentáveis.

Os sistemas agroecológicos buscam autonomia, isto é, visam fechar ciclos: cuidar para manter o solo saudável, produzir o próprio adubo, semear, colher e transformar





produtos, qualificá-los e comercializá-los de forma socialmente justa. Para isso, busca criar sistemas resilientes e diversificados.

O olhar agroecológico vai desde a melhoria da eficiência do uso de insumos e minimização dos impactos ambientais da agricultura até o aumento da contribuição da biodiversidade funcional e SE aos processos e produtos agrícolas. Em um sistema diversificado, cada um desses elementos desempenha um papel diferente e/ou complementar na paisagem agrícola, contribuindo para uma grande diversidade de funções ecológicas. E essas funções proporcionam SE aos próprios sistemas agrícolas e à sociedade como um todo.

No sertão carioca, promovemos ciência, prática e movimento que caminham juntos em direção ao fortalecimento desses sistemas agrícolas biodiversos. Esta edição conta um pouco sobre como isso tem acontecido a partir da realização de pesquisas científicas e ações apoiadas pelo projeto que fortalecem as agriculturas do maciço da Pedra Branca, estratégias de conservação mais justas, bem como as memórias e saberes associados a essas estratégias.

Boa leitura!

Ingrid Pena e Márcio de Mendonça





Nesta edição, conheça algumas pesquisas, pesquisadoras e pesquisadores que participam da Comissão de Pesquisa do projeto. Eles estão facilitando diversas oficinas, investigando Sistemas Agroflorestais e também produzindo dados e informações sobre a biodiversidade no Parque Estadual da Pedra Branca. Ao longo do projeto, confeccionamos um conjunto de materiais de comunicação que visam a divulgação científica e a popularização da ciência a partir das temáticas estudadas. Conheça!

Carbono no solo em agroecossistemas familiares

A perda da cobertura florestal, a degradação e a poluição do solo, acelerados pelo crescimento da população, estão entre as maiores ameaças à conservação da biodiversidade e aos serviços por ela prestados e regulados. Um dos grandes aliados da conservação da natureza são os povos tradicionais e, no Maciço da Pedra Branca, são as comunidades quilombolas do Quilombo do Camorim, Quilombo Cafundá Astrogilda e Quilombo Dona Bilina. O potencial de produção de alimentos saudáveis, de desenvolvimento de remédios e suplementos alimentares naturais, biocombustíveis, cosméticos e





Fabiano Balieiro e Adilson Jr na atividade de pesquisa e coleta de solos

outros bioprodutos estão intimamente associados a essas comunidades, seu conhecimento e forma como manejam a terra.

A pesquisa em cooperação com pesquisadores da Embrapa Solos, e coordenada por **Fabiano Balieiro**, busca quantificar o carbono no solo em agroecos-

sistemas familiares nos territórios tradicionais vinculados ao projeto. A pesquisa permite, a partir do histórico dos quintais produtivos e do relato dos moradores locais, quantificar os benefícios dessa relação saudável com o solo e com um dos serviços mais importantes que ele presta à sociedade, que é o de regulação do clima, a partir do sequestro de carbono.

Fabiano é Engenheiro Agrônomo, Mestre em Solos e Nutrição de Plantas e Doutor em Ciência do Solo. Desenvolve pesquisas nas linhas de ciclagem de nutrientes, dinâmica da matéria orgânica do solo e fixação biológica de nitrogênio em florestas (nativas e plantadas) e sistemas integrados de produção. Colabora em projetos de microbiologia ambiental relacionando alterações da microbiota do solo decorrentes do uso e manejo da terra e que impactam





Equipe da Embrapa Solos e pesquisadores Quilombolas nas atividades de pesquisa

Federal Rural do Rio de Janeiro e Bolsista Produtividade do CNPq.

Classificação do solo

A pesquisa para a classificação dos solos está sendo coordenada pelo engenheiro agrônomo Enio Fraga, pesquisador da Embrapa Solos com o auxílio de Edmilson da Silva, no Quilombo Cafundá Astrogilda, em Vargem Grande. Como parte da pesquisa, foram feitas quatro visitas de análise do território, em que foram utilizadas as ferramentas de manual de descrição e a Carta de Munsell para a classificação das cores e tipos de solo.



Enio Fraga

as emissões de GEE e com pesquisadores da rede de pesquisa com biocarvão (biochar). É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais da Universidade

A pesquisa utiliza como parâmetro o sistema de classificação de solos, criado pela Embrapa Solos. As classificações dos solos nos fazem entender o sistema de aptidão destes solos, e, com isso, podemos compreender quais solos são eficazes para as finalidades da agricultura, pastagem natural, silvicultura, áreas a serem preservadas e as suas demais serventias.

Enio é Engenheiro Agrônomo, mestre e doutor em Agronomia. Tem experiência em Gênese, Morfologia e Classificação dos Solos, atuando principalmente nos seguintes temas: mapeamento, levantamento, caracterização de solos, aptidão das terras, zoneamento agro-ecológico e planejamento agrícola.

Edmilson, também conhecido como Ed, é estudante de Agronomia da UFRRJ, monitor da disciplina de física do solo e estagiário da Embrapa Solo sob orientação do Pesquisador Enio Fraga. No projeto, atua dando suporte técnico para fazer as descrições dos solos junto com o Enio e realiza algumas descrições com sua orientação. Elabora relatórios sobre as atividades de pesquisa feitas e também o documento técnico dos perfis do solo. Desde julho deste ano, Ed também está prestando assessoria técnica às unidades produtivas que são apoiadas pelo projeto.

Controle de erosão e qualidade da estrutura em agroecossistemas

A retirada da cobertura vegetal, a não manutenção de cobertura de solo, e a ocupação desordenada do solo levam a erosão, e com isso assoreamento dos cursos de água. Por outro lado, os agroecossistemas manejados com sistemas agroflorestais contribuem positivamente para o serviço ecossistêmico de controle de erosão. Nesse sentido, foi avaliado o controle de erosão em sistemas agroflorestais, para tanto foi avaliada a infiltração de água no solo pelo método do anel simples, e está sendo determinada a intensidade de chuva do local, o controle de erosão será estimado pelo cálculo da intensidade de chuva menos a infiltração de água no solo. O valor desse serviço é de fundamental importância para definir técnicas de conservação do solo e planejamento dos sistemas de irrigação e drenagem.

Conduzida pelos pesquisadores da Embrapa Solos Guilherme Donagemma e Alba Leonor, no Quilombo Cafundá Astrogilda também foram realizadas avaliação da estrutura do solo (DRES) e testes de infiltração da água no solo (método do anel simples).

O diagnóstico da qualidade da estrutura do solo permite avaliar se está havendo conservação do solo ou degradação. Nesse sentido foi realizado o diagnóstico da estrutura do solo nos agroecossiste-



Guilherme Donagemma

mas familiares, utilizando O método DRES – Diagnóstico Rápido da Estrutura do Solo, o mesmo pode auxiliar na identificação dos manejos mais adequados para as diferentes situações, também pode ser empregado para identificar as práticas

e os agricultores de melhor desempenho na tarefa de conservar o solo e água.

Guilherme Donagemma, também conhecido como “Dona”, é Engenheiro Agrônomo, mestre e doutor em Agronomia. Tem experiência em Física do Solo, atuando principalmente nos seguintes temas: Métodos de análise em física do solo, transporte de solutos, indicadores de qualidade do solo e recuperação de áreas degradadas.

Alba Leonor é Engenheira Agrônoma, Especialista em Manejo e Conservação do Solo e em Ensino de Ciência com



Alba Leonor



Jorge Cardia

Habilitação em Biologia, Mestre em Agroecologia e Doutora em Ciência do Solo. Atua na área de Agronomia com ênfase em Manejo e Conservação do Solo e da Água e nos temas Serviços Ambientais e Física do Solo, este voltado aos estudos de retenção e dinâmica da água no solo. Atualmente participa do grupo de pesquisa do Laboratório de

Avaliação e Modelagem da Água no Solo (LAMAS) e é membro da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo (SBSCS).

As ações de pesquisa coordenadas pelos pesquisadores da Embrapa Solos contaram com o apoio de **Adilson Mesquista Junior**, pesquisador quilombola, estudante de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e estagiário da AS-PTA, e de **Paulo Martins e Jorge Cardia**, agricultores e pesquisadores quilombolas, que contribuíram na condução dos testes de infiltração da água no solo, abertura de trincheira para classificação do solo e coleta de amostras para as análises de retenção da água no solo, granulometria, fertilidade e estoque de carbono.

Educação em solo

As atividades de educação do solo ocorreram em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda, com ações desenvolvidas no Cantinho do Sossego, espaço de interação do território e conduzido por Tati Mesquita. Coordenada por Cláudio Capeche, pesquisador da Embrapa Solos e do programa Embrapa Escola, a atividade contemplou temas como tecnologias de manejo e conservação de solo, a importância da preservação da água e da biodiversidade da Floresta da Pedra Branca, as formas de recuperação de áreas degradadas e materiais de pintura que tem o solo como matéria-prima.

A atividade tem articulação com outra ação desenvolvida pela Comissão de Pesquisa, também em parceria com a Embrapa Solos, e que tem foco em ampliar a compreensão sobre indicadores de sustentabilidade do solo, da biodiversidade em área de floresta e de cultivo agroecológico nas roças e quintais produtivos do quilombo. Durante os encontros, são reconhecidos os valores dos adubos verdes, tais como leguminosas herbáceas e são distribuídas sementes de feijão de porco, macuna preta e macuna cinza.

Cláudio Capeche é Engenheiro Agrônomo, mestre em Agronomia. Tem experiência em Manejo e Conservação do Solo, recuperação de áreas degra-



Claudio Capeche

dadas, transferência de tecnologias e educação ambiental com foco em solos. Coordena e realiza desde 1997 o Programa Embrapa & Escola, uma ação de educação em solos que tem por objetivo levar ao público escolar as ações de pesquisa e ciência na agropecuária e meio ambiente.

Laboratório Vivo Floresta Quilombola

O Laboratório Vivo da Floresta Quilombola busca propiciar aos visitantes e moradores vivenciar e identificar de forma interdisciplinar as funções ecológicas dos remanescentes florestais manejados pela comunidade do Quilombo Cafundá Astrogilda. O manejo quilombola é um corpo de conhecimentos e saberes resultantes de práticas cotidianas afro-diaspóricas aplicado na agricultura e na floresta, refletido na relação com a biodiversidade e processos relacionados.

A proposta do Laboratório Vivo é facilitar a construção interdisciplinar do conhecimento por experimentação in loco, tendo como foco a importância da

conservação dos ecossistemas para o conjunto da sociedade associadas às práticas de produção das condições de existência da vida humana. Com isso, pretendemos difundir o conhecimento da sociedade acerca da importância da presença humana na região, reconhecendo a comunidade quilombola e seus saberes como fundamentais à conservação da biodiversidade no Parque Estadual da Pedra Branca.

A instalação do laboratório foi coordenada pela professora Rita Montezuma, coordenadora do grupo de pesquisa CNPq – NIPP/Laboratório de Ecologia e Biogeografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, e contou com apoio de Sandro Santos, Valniey Mesquita e Paulo José Martins, pesquisadores e quilombolas do Quilombo Cafundá Astrogilda, assim como da Ecóloga Leonor Ribas na coordenação da análise da vegetação florestal (fitossociologia)

Rita Montezuma

Possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Ecologia e doutorado em Geografia. É professora Associada da Universidade Federal Fluminense e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo-UFRJ. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em nos seguin-



Rita Montezuma

tes temas: Ecologia de Paisagens, Ecologia e Biogeografia Urbana, Ecologia Política, gestão de Áreas Protegidas/ Unidades de Conservação da Natureza, Diagnóstico Ambiental e Conflitos Socioambientais.

Sandro Santos

Sandro Santos é pesquisador quilombola e idealizador do Ação Griô, um projeto de ecoturismo de base comunitária com foco pedagógico e multidisciplinar que ocorre com condução de jovens estudantes da rede municipal de ensino em trilhas do Quilombo Cafundá Astrogilda. Na Ação Griô, também são oferecidas oficinas de agroecologia e permacultura, debatendo sobre os aspectos socioculturais do território, assim como a geografia local e a história de formação dos quilombos da cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Sandro, o projeto Ação Griô surgiu



Sandro Santos e Paulinho Martins

com a ideia de transmitir os conhecimentos tradicionais da localidade através da oralidade, partindo do protagonismo local e da horizontalidade do conhecimento entre os participantes das oficinas. As trilhas no quilombo foram criadas a partir de roteiros de visita com pontos de parada onde são debatidos de forma transdisciplinar, os aspectos ecossistêmicos, culturais e históricos da comunidade.

Paulo Martins

Paulo Martins é pesquisador quilombola, condutor local de trilhas e mobilizador social do Quilombo Cafundá Astrogilda. Nascido e criado no território em Vargem Grande, Paulinho, como é conhecido, atua nos projetos de fortalecimento da identidade e cultura quilombola, compartilhando os saberes ecológicos, as mudanças na paisagem da floresta da região e as histórias passadas por seus ancestrais.

No projeto do Laboratório Vivo, Paulo colabora na pesquisa sobre funções ecológicas da floresta quilombola, onde atua na confecção e instalação de coletores pluviométricos e no monitoramento da chuva coletada. Como integrante do projeto Ação Griô, conduz turmas de escolas municipais nas trilhas do quilombo. Durante o caminho, Paulo conta as histórias de formação da comunidade, trazendo aspectos multidisciplinares para a compreensão e reconheci-

mento do território. Paulo afirma que a interação que ocorre entre os participantes nas caminhadas é fundamental para a apreensão dos conceitos da preservação, valorização da cultura afro-brasileira e ecológica na juventude.

Leonor Ribas

É Doutora em Botânica, mestra em Ecologia da Flora e Fauna, graduada em Ciências Biológicas modalidade Ecologia. É pesquisadora e colaboradora da Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência em ensino e pesquisa nas áreas de Ecologia, Botânica, Educação Ambiental, Agenda 21, Ecoturismo, atuando no Bioma Floresta Atlântica, Floresta Ombrófila e Restinga, principalmente em Ecologia de Comunidades, Sucessão, Fitosociologia, Trepadeiras, Conservação Ambiental, Espécies exóticas invasoras, Corredores ecológicos, Conservação de Áreas Protegidas/Unidades



Leonor Ribas

de Conservação. No laboratório vivo, realiza as análises fitossociológicas na floresta quilombola.

Serviços ecossistêmicos da Agricultura urbana - Polinização por abelhas nativas e bem-estar daqueles que praticam agricultura urbana

A pesquisa tem como objetivo geral avaliar serviços ecossistêmicos promovidos pela Agricultura Urbana e está sendo conduzida por Liliane Ferreira, sob a orientação de Maria Elizabeth Fernandes Correia e co-orientação de Mariella Uzêda, ambas pesquisadoras da Embrapa Agrobiologia. Os serviços avaliados são: qualidade do solo, polinização por abelhas nativas e bem-estar das comunidades. As pesquisas contam com o apoio logístico e operacional de três técnicos de campo da Embrapa, além de estudantes que colaboraram. Através do apoio da AS-PTA, foi possível contar com três colaboradores para reconhecimento das áreas de estudo, e coletas de



Lili e Jorge Cardia no Quilombo Cafundá Astrogilda



Coleta e preparo da amostra de solo para análise de porosidade

solo (para análise de densidade, fertilidade e fauna de solo) na primeira etapa. Na segunda etapa, quatro estudantes colaboraram na fase de coleta das abelhas e coletas de solo para análise de porosidade e avaliação de entrega dos serviços ecossistêmicos (plantio de pepino).

Liliane Ferreira

Liliane é Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências, Inovação e Tecnologia em Agropecuária na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas - UFRJ-CEDERJ, Mestre em Agricultura Orgânica pela UFRRJ e Graduada em Agronomia. Tem experiência na área de Agroecologia, com ênfase em Hortaliças e Manejo de espontâneas. Atua na área de assistência técnica em hortas urbanas e periurbanas e pequenos pomares, produção de plantas ornamentais e paisagismo desde 1990.

Mariella Uzêda

É Engenheira Agrônoma e doutora em Manejo de Recursos Naturais Renováveis. É pesquisadora da Embrapa Agrobiologia e atua na área de manejo da agrobiodiversidade, agroecologia e ecologia de paisagens agrícolas, acumula experiências na Amazônia e Mata Atlântica. Professora do Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica - UFRRJ e Embrapa Agrobiologia.

Na seção Divulgação Científica, logo abaixo, você confere alguns resultados e premissas da pesquisa.





Biodiversidade e serviços ecossistêmicos: A agricultura urbana produz mais que alimentos

Mariella Uzêda, Pesquisadora A, Embrapa Agrobiologia

Os polinizadores são importantes para a reprodução de 88% das plantas nativas e aumentam a produtividade de 75% das culturas economicamente mais importantes do mundo. E as abelhas, são o grupo mais importante entre os polinizadores, sendo que as abelhas solitárias representam mais de 95% de todas as espécies de abelhas existentes.

Na sua busca por recursos e sobrevivência, as abelhas percorrem todos os ecossistemas encontrados em uma paisagem, desde áreas de matas até quintais produtivos, jardins e praças e respondem a modificações nessa paisagem. Sendo assim, avaliar as abelhas pode nos dar um retrato das trocas positivas ou negativas entre essas áreas.

No mundo, como reflexo dos desequilíbrios existentes, as populações de abelhas nativas estão diminuindo em paisagens modificadas pelo homem devido a inúmeros fatores. A redução das áreas de mata, compromete a disponibilidade de locais para fazer ninhos e também diminui a abundância de flores e com a redução das flores é menor a disponibilidade de néctar e pólen, principais alimentos das abelhas.



Em nosso projeto, temos desenvolvido atividades oficinas de Melipolicultura, visando ampliar o cultivo de abelhas



Oficinas de Melipolinicultura

O uso inadequado e frequente de agrotóxicos na agricultura tem sido outro vetor de doença e morte para as abelhas. Como agravante, em todo o mundo, os efeitos dos pesticidas na fauna total de abelhas são estimados através da avaliação da resposta da espécie *Apis mellifera* a essas substâncias. Entretanto, estudos têm mostrado que as nossas espécies nativas possuem maior

vulnerabilidade a algumas substâncias, o que significa que a regulamentação de pesticidas e a avaliação de risco no Brasil apresentam algumas lacunas e podem não fornecer proteção suficiente para as espécies nativas.

Outro aspecto importante para a redução das populações de abelhas nativas é a simplificação dos sistemas agrícolas de cultivo. As áreas agrícolas são importantes fontes complementares de alimentos para as abelhas e a redução do número de culturas significa menor diversidade de flores nas áreas cultivadas. A retirada total do mato também compromete a disponibilidade de flores para as abelhas e inibe sua presença nas áreas agrícolas.

A urbanização também tem efeitos prejudiciais sobre a biodiversidade e o funcionamento do ecossistema, pois áreas verdes são convertidas em paisagens dominadas por construções, o que impossibilita as abelhas de fazerem ninhos e oferece poucas áreas com disponibilidade de alimento.

Entretanto, muitos pesquisadores acreditam que áreas agrícolas diversificadas e conduzidas sem o uso de agrotóxico,



Demarcação da área onde está sendo feita a pesquisa de polinização

quando localizadas em ambientes urbanos têm potencial para servir como uma fonte de conservação da biodiversidade de abelhas nativas e, portanto, auxiliam na provisão de serviços ecossistêmicos em áreas urbanas.

O Parque Estadual da Pedra Branca, localizado na Zona

Oeste da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA), abriga 10 espécies de abelha nativas da Mata Atlântica: Mandaçaia (*Melipona quadrifasciata quadrifasciata*), Uruçu amarela (*Melipona rufiventris*), Guaraipo (*Melipona bicolor bicolor*), Iraí (*Nannotrigona testaceicornis*), duas espécies de abelha Mirim (*Plebeia droryana* e *Plebeia remota*), Jataí (*Tetragonisca angustula*), Guiuruçu (*Schwarziana quadripunctata*), Caga fogo (*Oxytrigona tataira tataira*) e Mandaguari (*Scaptotrigona postica*).

Essas espécies contribuem com a produção de frutas e sementes dentro da área do parque, garantindo a manutenção da vegetação e, quando circulam nos ambientes agrícolas em busca de mais alimentos, garantem maior produtividade para muitas das culturas existentes nos quintais produtivos.

Uma das culturas existentes na zona oeste, que muito se beneficia com a presença das abelhas nativas, é o Caqui. Ainda que as flores do caquizeiro sejam capazes de se autopolinizar, a polinização por insetos pode melhorar a formação dos frutos e sua produção. Em algumas variedades a polinização evita a queda de frutos, podendo reduzir este problema em até 50%.



Polinização durante pesquisa de Liliane Ferreira

As abelhas, portanto, são as facilitadoras das “troca de gentilezas” existentes entre as áreas de mata e as áreas agrícolas. Se a primeira da moradia e abrigo, a segunda auxilia a alimentar e manter.

Portanto, na conservação da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos, as áreas de conservação e de produção se complementam fazendo dos agricultores e agricultoras responsáveis pelos serviços gerados e seus benefícios.

No contexto do projeto Sertão Carioca, estamos avaliando a comunidade de abelhas nativas existentes nas áreas cultivadas com o objetivo de demonstrar que a agricultura urbana consegue vencer o concreto, e além de alimentos, também produz sustentabilidade e conservação.



Quadrado usado também para coleta de amostra de solos, nesse caso para avaliação da diversidade de minhocas



Ecosystemas Educomunicativos e combate ao racismo: diálogos sobre Identidade Quilombola



A partir do eixo sociocultural do projeto, temos apoiado a organização de acervos e memórias desde a perspectiva da educomunicação e da museologia social.

O objetivo é fortalecer o protagonismo quilombola na conservação da natureza, e ampliar a geração de renda nas atividades de Turismo de Base Comunitária, Agricultura e Museologia Social já existentes. As ações fazem parte do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias.

Construção de Árvores Genealógicas

Em conjunto com as/os griôs do Quilombo Cafundá Astrogilda, e com assessoria da antropóloga Stella Rodríguez Cáceres, confeccionamos banners contendo as árvores genealógicas dos núcleos familiares da comunidade. A ação tem como objetivo reforçar o aspecto histórico e ancestral de ocupação do território do Cafundá pelas famílias que vivem lá até hoje.

Seu Juarez, Dona Dazinha, Seu Tilinho, Dindinha Laura e tantos e tantas outras viveram na co-



A antropóloga Stella Rodríguez Cáceres e Dona Nilza checando a árvore genealógica e sua família



Árvores genealógicas apoiam o relato da comunidade quilombola Cafudá Astrogilda

munidade ainda no século passado e, foi graças ao manejo tradicional dessas famílias, que a Floresta da Pedra Branca está de pé. As árvores genealógicas são também uma ferramenta para a negociação com diferentes atores, além de apoiar a narrativa e a contação de memórias e histórias quilombolas para os diversos visitantes.

Eleci Martins, integrante do núcleo quilombola Dinda Laura, afirma que a árvore genealógica foi construída em conjunto com as memórias de seus familiares: “Nosso trabalho foi rememorar e nos certificar que todos os nomes de nossos ancestrais estavam corretos”. Eleci aponta o respeito e seriedade do trabalho realizado no mapeamento dos antigos integrantes fundadores da comunidade.

Lançamento do Livro Histórias do Quilombo Vargem - Comunidade Cafundá Astrogilda

Nesse período, participamos do lançamento do livro que reúne histórias e memórias da comunidade quilombola Cafundá Astrogilda.

Ele foi organizado pelos jovens Quilombolas, Izabela Martins, que compilou histórias orais contadas pelos mais velhos da comunidade, e Adilson Mesquita Jr, que fez as ilustrações. Izabela comenta que foi uma atividade de resgate: “Me senti conectada com as minhas avós, eu fui um instrumento para que as histórias atingissem o máximo de pessoas possíveis, espero que estas narrativas transformem estas pessoas, assim como me transformaram em uma amante de tudo que a natureza oferece”.

São 10 histórias de medo e assombração que dão conta de seres místicos que rondam o Sertão



Lançamento do livro aconteceu o Núcleo Dinda Laura, na Comunidade Cafundá Astrogilda



Izabela Martins e Adilson Mesquita Jr. Ela organizou e compilou as histórias dos mais velhos e ele fez as ilustrações



Lançamento do livro promoveu encontro de gerações

Carioca pregando peças e assustando quem desmata e destrói a natureza local. Também traz lições sobre respeito aos ancestrais e aos seus conhecimentos. Belinha, como é carinhosamente chamada, diz que o processo está apenas começando, pois estão reunindo novas histórias para futuros livros.

A atividade contou com a presença de grupos de capoeira e samba, e foi um lindo momento de celebração!

Kit de comunicação é distribuído para apoio às cozinhas das processadoras do SPG e culinárias dos Arranjos Locais.

Neste último período, fizemos a distribuição de um conjunto de itens que têm o objetivo de apoiar a comunicação e a comercialização dos alimentos produzidos pelas mulheres da agroecologia e da agricultura urbana no Rio de Janeiro.

O kit contém bandeirinhas de identificação de feiras e aventais, que foram estampados com imagens que representam os alimentos e os quintais e com as frases, "*Cultivamos biodiversidade e saberes ancestrais*" e "*Plantar e Colher são atos políticos*".



Distribuição do kit de comunicação em apoio às culinárias

O material foi confeccionado pelas costureiras da Associação de Artesanato Unindo Forças no campo e na cidade de Nova Iguaçu.

A campanha Produtos da Gente ([@produtosdage](https://www.instagram.com/produtosdage)) estimula a biodiversidade, a geração de renda e valoriza a agricultura familiar e urbana na promoção da soberania alimentar.

Apoio à comunicação visual das atividades de Educação Ambiental, Turismo de Base Comunitária e Museologia Social

Como parte das nossas ações, temos apoiado a comunicação visual de hortas, trilhas e roteiros de educação ambiental. Para a horta comunitária do Quilombo Dona Bilina foram produzidas cerca de 50 placas de identificação de espécies. Lá, constam alimentos, ervas e plantas medicinais que estão presentes nas práticas agroecológicas da comunidade quilombola Dona Bilina.

Já na Horta do coletivo Jardim Sulacap Bairro Sustentável (JSBS), distribuímos cerca de 40 placas com mensagens de bem viver e identificação de espécies, além de folderes sobre o coletivo de voluntários e voluntárias.



Placas na horta comunitária do coletivo JSBS



Ingrid Pena e Emilson
Moreira visualizando o folder
sobre o coletivo JSBS

A distribuição das placas auxilia para que as vivências no espaço se tornem momentos de aprendizado e descobertas. Emilson Moreira, idealizador do JSBS e coordenador das ações do grupo, comenta sobre a importância da ação

de comunicação visual: “Entendemos esta fazenda comunitária como um espaço educador, acreditamos que o conjunto de placas irá contribuir para encantar, criar vínculos e despertar as pessoas para o cuidado”. Segundo o mobilizador social, o apoio do projeto tem sido fundamental para solucionar os desafios encontrados na horta comunitária.



Liz Vieira nas atividades
de Mutirão que ocorre no
Quilombo Dona Bilina

Dia do Meio Ambiente - Oficina de Grafite e pintura para as crianças do Cafundá Astrogilda

A arte é uma das muitas formas que visam contribuir com reflexões sobre sustentabilidade, cuidado com o meio ambiente e sobre um outro tipo de sociedade. Foi pensando nisso, que o artista e

educador Matheus Branqs conduziu uma oficina de pintura e grafite no dia 05 de junho, Dia do Meio Ambiente, para cerca de 16 crianças no Quilombo Cafundá Astrogilda. Além dos pequenos, os adultos também puderam interagir com os pincéis, tintas e sprays, tornando o momento propício para pensar nas possibilidades de criarmos uma rotina com mais arte e cor.

A oficina foi realizada no Cantinho do Sossego, um espaço acolhedor onde são realizadas oficinas e onde a culinária e artesã Tati Mesquita oferece refeições para os visitantes feitos no fogão à lenha. Assim, finalizamos a oficina com um delicioso almoço preparado por ela.



Matheus Branqs, artista que deu a oficina



Crianças pintando o mural durante oficina de grafite e pintura no Quilombo Cafundá Astrogilda





Agroecologia e Tecnologia Social: Fortalecimento das Agriculturas Locais



As atividades fazem parte da Comissão de Agricultura, Saúde e Mercados e da Comissão de Pesquisa do projeto, ambas abordando os sistemas agrícolas a partir de perspectivas ecológicas e socioeconômicas, com o objetivo de fortalecer as redes locais de agroecologia. Estas ações visam a transformação social por meio da valorização dos saberes tradicionais, do livre acesso aos alimentos saudáveis e sem veneno e o apoio às feiras agroecológicas da cidade.

Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina: Bacia de Evapotranspiração e apoio às práticas agroecológicas da Horta.

A Comissão de Agricultura, Saúde e Mercados do projeto segue na missão de implementar tecnologias sociais de preservação ambiental nos territórios quilombolas. A Bacia de Evapotranspiração é uma técnica inovadora que colabora para retenção dos resíduos sólidos e impede a contaminação do solo e



Criação de canteiros na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina

dos rios por meio do despejo desenfreado de lixo no meio ambiente. O projeto Sertão Carioca está viabilizando a construção desta tecnologia social na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina. A implementação é realizada por meio de oficinas de mobilização social e debate sobre a

A Bacia de Evapotranspiração (BET) é uma tecnologia social pensada para amenizar a agressão da contaminação do lençol freático e a poluição dos córregos e rios. A tecnologia funciona ao conduzir os resíduos dos banheiros para bacias feitas de tijolos, que são lacradas e impermeabilizadas para impedir o contato direto com o solo. A BET pode receber águas negras (dos vasos sanitários) e águas cinzas (de pias de banheiro e cozinha, e de chuveiros e água de máquina de lavar), e funciona como um micro sistema de tratamento de água, podendo tratar com eficiência águas de origem residencial, seja ela qual for.

importância das tecnologias sociais para a manutenção de sistemas agrícolas saudáveis.

A BET tem algumas camadas de filtragem, feitas com cascalhos, restos de obra, pedra brita e uma última camada de areia. Por cima desta última superfície, é acrescentada terra adubada para a plantação de espécies locais que realizarão a drenagem e a evapotranspiração do líquido contido na bacia. O processo é uma opção alternativa de tratamento do esgoto que diminui a presença dos coliformes fecais e demais resíduos dentro da bacia de tratamento. A da BET, no Quilombo Dona Bilina, também fará parte de roteiros de educação ambiental com os alunos do Ciep 165 Brigadeiro Sérgio Carvalho e os demais integrantes da comunidade.

Leonídia Insfran, mobilizadora social e organizadora da horta comunitária da localidade, comenta sobre a tecnologia social: *“A comunidade vai estar presente durante o processo de implementação da BET, precisamos fazer a separação da água cinzenta provinda do esgoto durante o processo”*.

Leonídia afirma que a ação é um combate à poluição cada vez mais intensa nos rios da região. Juntos com os jovens alunos, será possível espalhar a conscientização ecológica e o conhecimento sobre as tecnologias sociais.

Sistema de irrigação de baixo custo na hortas comunitárias quilombolas

A atividade de instalação do sistema de irrigação na horta comunitária do quilombo Dona Bilina foi realizada no dia 30 de junho, com o auxílio de Gabriel Melo, engenheiro agrônomo com especialização em irrigação, e Michel Cole, estagiário da comissão de Agriculturas, Saúde e Mercados. Foram feitas as instalações do conjunto de motobomba na caixa de armazenamento de água do local, assim como a instalação de um filtro de água e a parte hidráulica para o funcionamento do sistema. Foram adicionados 12 microaspersores pelo quintal produtivo, o sistema de irrigação foi instalado com tubos principais e secundários para fazer a distribuição da água.

Após a instalação, foi preciso capacitar os voluntários da horta para utilizar o sistema de irrigação. No dia 1 de julho, houve uma reunião no quilombo para explicar aos envolvidos os processos corretos de utilização do sistema. Foram abordados os temas de como utilizar o equipa-



Gabriel Melo fazendo a instalação do Sistema de irrigação de baixo custo na horta comunitária do Quilombo Dona Bilina



Sistema de irrigação de baixo custo

mento da forma correta e como realizar a limpeza dos microaspersores. A mobilização foi concluída com a instalação do equipamento e com a elucidação das técnicas de manuseio para os participantes locais.

Gabriel destacou que a horta comunitária do território carecia de um sistema de irrigação adequado, e a proposta foi implementar um sistema de baixo custo que atendesse as demandas da comunidade: “A ideia foi oferecer autonomia para a gestão da horta, de forma uniforme e adequada”. Segundo o engenheiro agrônomo, o sistema de microaspersão oferece baixa vazão, sendo compatível com a realidade de economia de recursos da região, otimizando de forma pontual a irrigação, gastando menos água e energia com uma bomba menor.

Apoio à Implantação da Horta Orgânica do Quilombo do Camorim

Neste período, o projeto apoiou a implementação da horta orgânica do Quilombo do Camorim. Nos dias 04 e 19 de junho foram realizados mutirões



Edmilson Oliveira, Ingrid Pena e Emilson Moreira na horta comunitária do bairro Jardim Sulacap



Wenderson da Silva e a voluntária Ana apoiando na implantação da Horta Comunitária no Quilombo do Camorim

com a presença da juventude local e de parceiros da Associação Cultural do Quilombo do Camorim (ACUQCA). Também foram feitas visitas técnicas nos últimos meses. Para a adubação do solo, foi utilizada serapilheira, rica em matéria orgânica e nutrientes. Este recurso, feito com materiais naturais da área, foi colocado nos canteiros para ajudar na fertilização do solo. A localização dos canteiros foi pensada de forma para que as correntes de água da chuva não levem os materiais orgânicos produzidos no local.

Wenderson da Silva, integrante do projeto, participa da implementação da horta “Foi

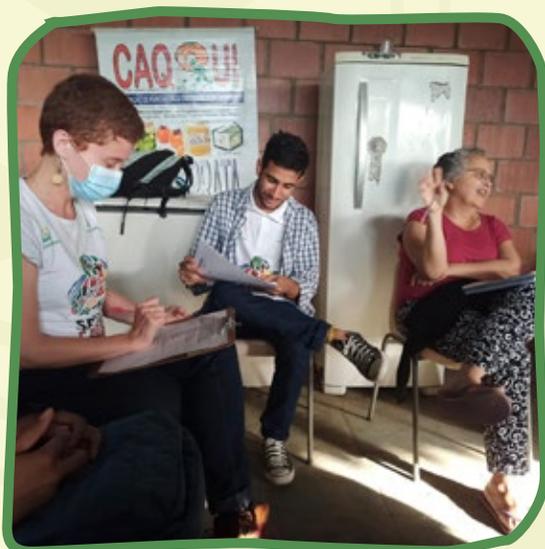


Mutirão é lugar de encontro e construção de conhecimentos

uma ótima oportunidade para compartilhar conhecimentos de manejo com a terra, aprendi bastante e pude ensinar alguns conceitos que tenho sobre a implementação das hortas”. Wenderson afirma que alguns canteiros já estão prontos para receber o sombrite, que faz parte da próxima etapa, seguido do plantio das mudas.

Reuniões de alinhamento para apoio às Unidades de Produção

Em julho aconteceram visitas técnicas em unidades de produção e reuniões de alinhamento com associações e coletivos parceiros do Projeto. Foram realizadas conversas junto à Associação de Agricultores Orgânicos da Pedra Branca (AgroPrata), com o grupo Jardim Sulacap Bairro Sustentável (JSBS), o



Ingrid Pena e Edmilson Oliveira no apoio em conversa na AgroPrata



Assessoria técnica também ocorreu na Praça Quincas Borba - Jardim Sulacap

Coletivo da Feira da Roça de Vargem Grande. Nas conversas, foram abordados os resultados de oficinas que aconteceram pelo projeto, e definidos os próximos passos para o desenvolvimento das unidades de produção e das feiras.

Sistematização de práticas e conservação de sementes

A conservação das sementes crioulas preserva as bases do plantio de diversos territórios no Rio de Janeiro. Este movimento faz parte da resistência das agriculturas e dos modos de produzir e de consumir alimentos limpos na cidade.

Larissa Vera Cruz, integrante da Feira da Roça de Vargem Grande, tem atuado no projeto realizando um mapeamento dos guardiões de sementes na cidade do Rio de Janeiro. Este contato busca investigar os usos e as formas de conservação, as memórias afetivas, os cuidados e meios de comercialização na relação dos guardiões com as sementes preservadas. As dinâmicas sobre os aspectos básicos de conservação das sementes serão tra-

“*Temos contatos com histórias antigas, mas que são novas experiências para quem vê de fora. Existe uma ancestralidade por trás do manuseio e das técnicas utilizadas com as sementes*”

– Larissa Vera Cruz

tadas em uma atividade de formação com os produtores locais.

Segundo Larissa, as entrevistas com os guardiões de sementes têm sido um processo enriquecedor: “Temos contatos com histórias antigas, mas que são novas experiências para quem vê de fora. Existe uma ancestralidade por trás do manuseio e das técnicas utilizadas com as sementes”. Em breve será lançada uma cartilha, que reunirá algumas dessas histórias e práticas levantadas por Larissa.

Interação com o Projeto Semeando Solidariedade

O Projeto Semeando Solidariedade é realizado pela AS-PTA e apoiado pela Petrobras, beneficiando famílias que tiveram suas economias afetadas pela pandemia de covid 19 em 5 territórios. Estão sendo feitas entregas de cestas agroecológicas de alimentos e botijões de gás de cozinha para famílias em situação de vulnerabilidade e acompanhadas por parceiros nestes territórios. As primeiras distribuições foram realizadas no decorrer dos meses de junho e julho deste ano.



Entrega das cestas solidarias na sede da ACUCA

As cestas são compostas por arroz, feijão e farinha de mandioca, provindos da cooperativa Campone-sa Central de Minas Gerais (CONCENTRA); além de frutas da época, raízes, tubérculos e hortaliças, produzidas pelos agricultores José Antônio, do Pau da Fome e Leodicea de Lima, do Sítio Canaã em Magé.

A distribuição beneficia os territórios de Pedra de Guaratiba, em parceria com a Fundação Angélica Goulart; o Rio da Prata, em parceria com o Quilombo Dona Bilina, o território do Camorim, em parceria com a ACUCA; Engenheiro Gurgel e Jaceruba, em parceria com o coletivo Empório da Chaya; e Gene-ciano, em Nova Iguaçu, em parceria com a Univerde.

As próximas entregas de cestas agroecológi-cas e gás de cozinha estão previstas para agosto e ocorrem a cada 2 meses até o final do ano de 2022.

Pesquisa de avaliação de serviços ecossistêmicos na agricultura urbana do maciço da Pedra Branca

Na pesquisa conduzida por Liliane Ferreira, fo-ram realizadas atividades neste bimestre para ava-liar o serviço ecossistêmico de polinização e quali-dade do solo. Em relação a polinização, as atividades foram realizadas em áreas de cultivo no Rio da Pra-ta - Campo Grande e Vargem grande, em áreas de menor cobertura vegetal (mais urbanizadas) e maior

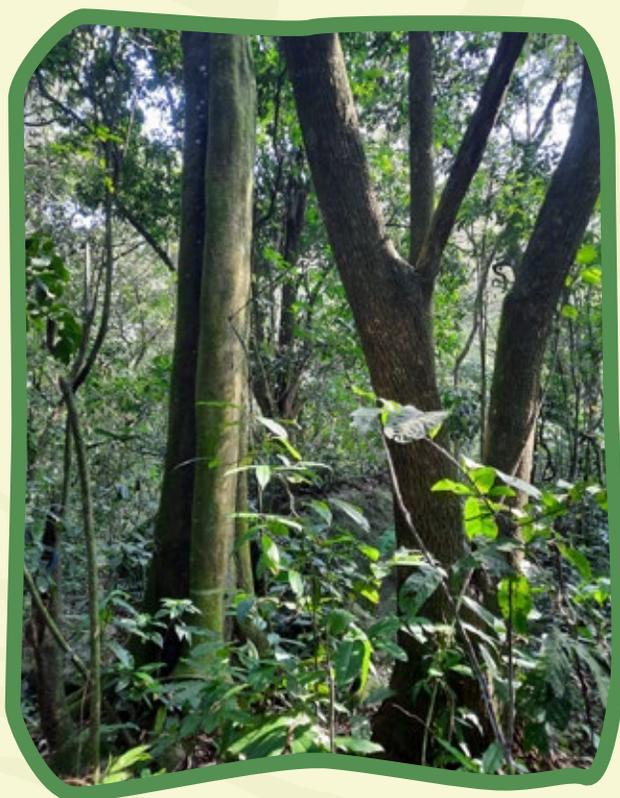
cobertura vegetal, no âmbito do Parque Estadual da Pedra Branca, e consistiram em: colocação e retirada de armadilhas de abelhas, colocação de potes com mudas de pepino, objetivando observar se o serviço de polinização "está sendo entregue" nas áreas de cultivo que foram amostradas quanto à diversidade de abelhas. Serão avaliados, % de peso de frutos produzidos comparados com o controle, cujo pote ficou coberto por tela para que não houvesse polinização externa. Foram utilizadas plantas de pepino que tem grande resposta à polinização, com aumento no número e qualidade de frutos.

Ainda na investigação relacionada ao solo, foram feitas coletas de amostras indeformadas de solo para avaliação de porosidade do solo, com objetivo de estimar a capacidade de infiltração laminar de água nas áreas estudadas.

Atividades desenvolvidas no Laboratório Vivo Floresta Quilombola

Como parte das pesquisas desenvolvidas no Laboratório Vivo Floresta Quilombola, no Quilombo Cafundá Astrogilda, está em curso a atividade de identificação botânica da área. Em julho foram feitas as medidas de circunferência e marcação dos troncos, o que possibilitou uma primeira leitura que é a ocupação do solo pela vegetação arbóreo-ar-

bustiva. Foi iniciado as medidas de altura e coleta botânica, o que permitirá um outro registro procedimental. Os próximos passos são: prensagem, secagem em estufa, consulta a herbários virtuais e físicos, além das análises métricas da vegetação. A pesquisa, coordenada por Rita Montezuma, conta com o trabalho da botânica Leonor Ribas, além do apoio dos pesquisadores quilombolas Sandro Santos e Paulinho Martins.



Laboratório Vivo Floresta
Quilombola identifica o tamanho
e as espécies da Floresta da Pedra
Branca



Marcação e georreferen-
ciamento botânico no
Laboratório Vivo Floresta
Quilombola



Intercâmbios e Atividades de Museologia e Turismo de Base Comunitária



Em conjunto com os mobilizadores sociais dos territórios, o projeto amplia as ações de identificação dos patrimônios culturais e atores sociais no intuito de visibilizar os modos de fazer e de viver das comunidades tradicionais e quilombolas do Maciço da Pedra Branca e sua zona de amortecimento. Com ações de cartografia social participativa, turismo ecológico e a disseminação dos conhecimentos agroecológicos, buscamos contribuir com o fortalecimento da identidade quilombola e sua presença no cotidiano da cidade.

Encontro Virtual do Ecomuseu dos Campos de São José

O Ecomuseu dos Campos de São José, uma mobilização criada pelo Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP) organizou, no dia 9 de junho, o encontro virtual que reuniu iniciativas de valorização dos patrimônios culturais locais por meio da formação de museus comunitários em diversos territórios



Leonídia Insfran no Cartaz de divulgação da atividade.



Cartaz digital divulgando a atividade

tradicional. O evento contou com a presença de Gelson Rozentino e Quezia da Silva, lideranças do Ecomuseu da Ilha Grande; Ingrid Pena, coordenadora do Projeto Sertão Carioca; Leonídia Insfran, liderança comunitária do Quilombo Dona Bilina; Camila Inês e Sérgio Senna, lideranças comunitárias do Ecomuseu dos Campos de São José.

Maria Siqueira Santos, coordenadora do Ecomuseu dos Campos de São José, iniciou a fala apresentando os projetos presentes para o compartilhamento de vivências e conhecimentos em torno da agroecologia e da valorização dos ecomuseus. Ingrid Pena apresentou a perspectiva do olhar agroecológico para a conservação ambiental, praticada no Projeto Sertão Carioca: “O programa trabalha com o fortalecimento das agriculturas locais, com a facilitação do acesso aos conhecimentos técnicos, com a tecno-

“Não precisamos necessariamente das paredes para guardar as memórias, o nosso museu é a céu aberto, falamos das nossas heranças, da conservação das águas dos rios da região, da nossa culinária e outros pontos da nossa cultura”.
– Leonídia Insfran

logia social, a comercialização e apoio a diversas formas de organização local e construção coletiva”. Também foi debatido o histórico de formação do Parque Estadual da Pedra Branca, a luta pelo reconhecimento das

comunidades situadas em seu entorno, assim como o objetivo geral do projeto de contribuir com a conservação dos recursos naturais da floresta e suas áreas de amortecimento, valorizando os saberes tradicionais associados à biodiversidade.

Leonídia Insfran apresentou as iniciativas do “museu caminhante”, que ocorre pelas trilhas do Quilombo Dona Bilina, em que são contados os aspectos socioculturais da comunidade e o processo de formação do quilombo: “Não precisamos necessariamente das paredes para guardar as memórias, o nosso museu é a céu aberto, falamos das nossas heranças, da conservação das águas dos rios da região, da nossa culinária e outros pontos da nossa cultura”. Leonídia comentou também sobre a mobilização que deu origem à horta comunitária do território e o

apoio que tem sido oferecido pelo Projeto Sertão Carioca ao espaço de produção agroecológica.

Apoio à Ação Griô em aula presencial da UFF

Neste período, o Projeto Sertão Carioca apoiou a aula da Ação Griô no Quilombo Cafundá Astrogilda na recepção da turma de Ecologia do curso de Sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), no dia 4 de junho. A disciplina é ministrada pela geógrafa Rita Montezuma, que foi a principal condutora de toda a atividade.

O objetivo central da aula de campo era pensar a ecologia pelo olhar ancestral de uma comunidade tradicional e mostrar para os alunos como se dão as interações entre a natureza e a comunidade que reside naquele território. Segundo a geógrafa, ecologia são essas interações entre os seres (humanos e animais) e o seu ambiente. A proposta da professora era mostrar como a construção do que é o meio ambiente que parte da academia não se propõe a incluir os sujeitos que constituem os territórios e



Sandro Santos na aula da Ação Griô recepcionando a turma de Ecologia do curso de Sociologia da UFF

seu papel nele, e esta é uma ideia ocidental eurocentrada e é importante compreender a ecologia enquanto uma ciência das interações.

Os alunos foram levados até o Laboratório Vivo, e Paulo Martins e Sandro Santos, mostraram o tanque de evapotranspiração e os pluviômetros, duas tecnologias desenvolvidas artesanalmente pela comunidade. O intuito era mostrar seu funcionamento e qual a função destes dispositivos.

A aula ocorreu com diálogos sobre o clima, vegetação, espécies presentes no território e as formas de organização social da comunidade.

Festival de Férias do Quilombo Dona Bilina

No dia 30 de julho, ocorreu o Festival de Férias no Quilombo Dona Bilina, a atividade faz parte das ações do Programa de Educação Ambiental e Antirracista para as Infâncias, desenvolvido no âmbito do Projeto Sertão Carioca em parceria com os quilombos e educadores populares do Maciço da Pedra Branca.



Sandro Santos apresentando o tanque de evapotranspiração do Quilombo



Roda de contação de histórias com as crianças durante Festival de Férias no Quilombo Dona Bilina

Para a realização da atividade contamos com a parceria das educadoras Leonídia e Áurea moradoras do Quilombo e mobilizadoras da horta comunitária. Quem conduziu as oficinas ao longo de todo o dia foi o AteliERÊ, um

ateliê criativo e itinerante de brinquedos e brincadeiras, focado nas infâncias e na cultura afrodiáspórica.

Eva Costa, arte educadora do AteliERÊ, conta sobre o conceito do ateliê: “A palavra ‘Erê’ vem do yorubá e significa ‘brincar’. Somos um ateliê brincante! Composto por mães e artistas que levam a brincadeira a sério, como as crianças no faz-de-conta de todos os dias.” A arte educadora comenta que conhecer o Quilombo Dona Bilina foi uma experiência de resgate e sensação de pertencimento.



Atividade estimulou a leitura antirracista



Brincadeiras e conservação da natureza

As crianças puderam conhecer e reconhecer as frutas, ervas e hortaliças que compõem os canteiros, na segunda etapa das atividades foram realizadas oficinas de contação de histórias, oficina de biojóias, oficina de desenhos, um momento especial para brincadeiras de rodas, pula corda e rodar bambolê.

As atividades tiveram como principal objetivo valorizar as práticas agroecológicas desenvolvidas no território, construindo valores sociais, conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas para a conservação do meio ambiente.

Turismo Pedagógico no Quilombo do Camorim

A Comissão Pedagógica do projeto apoiou a visita de jovens estudantes da rede pública de ensino no Quilombo do Camorim para vivências do campo e saberes agroecológicos, junto à Associação Cultural do Quilombo do Camorim (ACUQCA). As visitas ocorreram entre os meses de junho e julho com o corpo discente das escolas E.M.G. Carlos Caetano Miragaya, na Taquara; da escola Dom Pedro I, na Barra da Tijuca; do CIEP 114 Maria Gavazio Martins,



Adilson Almeida em aula sobre a história de formação do Quilombo do Camorim aos alunos da rede pública durante a visita na sede da ACUCA

de Vilar dos Teles; e da escola municipal Embaixador Barros Hurtado, em Cordovil.

Durante a programação, os alunos puderam conhecer os aspectos históricos e socioculturais do Sítio Arqueológico do Quilombo do Camorim, guiados pelo presidente da associação e líder comunitário Adilson Almeida, que também ofereceu um aula sobre a trajetória dos negros que se refugiaram às margens do Rio Camorim, contextualizando as circunstâncias de formação da comunidade, a integração saudável dos quilombolas com a natureza e os benefícios dos alimentos orgânicos para a soberania alimentar a nutricional.



Atividades de educação patrimonial com as crianças da rede pública tendo a vivência no Sítio Arqueológico do Camorim.

“ É importante que as crianças de outros territórios possam conhecer o Quilombo do Camorim para entenderem um pouco da história do Brasil”.
– Lúcia Garcia

Lúcia Garcia, coordenadora pedagógica da ACUQCA, comenta sobre a relevância das vivências com os jovens das escolas municipais na sede do quilombo: “É importante que as crianças

de outros territórios possam conhecer o Quilombo do Camorim para entenderem um pouco da história do Brasil”. Durante as atividades da visita, os estudantes puderam participar do plantio de mudas de Ipê e roda de conversa para tirar dúvidas e apresentarem suas impressões sobre a experiência.

Quilombo Dona Bilina recebe Caravana da AS-PTA

Neste período, o Quilombo Dona Bilina preparou um acolhimento para a Caravana interna do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA.

A associação de remanescentes quilombolas apresentou o acúmulo do trabalho realizado em parceria com o projeto neste último ano. Eles compartilharam suas percepções em torno do fortalecimento, da promoção e do reconhecimento dos patrimônios



Comunidade recebeu a caravana com acolhimento que buscou divulgar expressões culturais do território



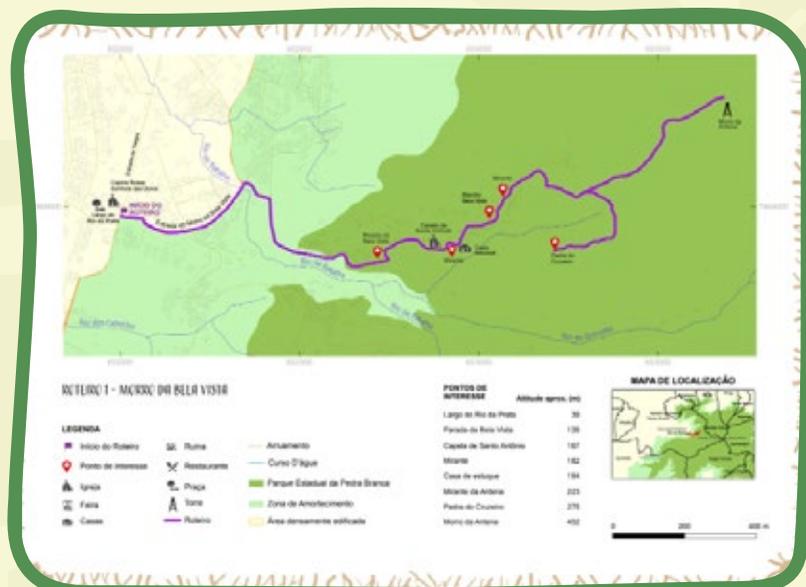
Interação com a equipe da AS-PTA e o Quilombo Dona Bilina

culturais materiais e imateriais da comunidade quilombola, dando destaque para a constituição de um Ecomuseu Comunitário e da Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina, que estão sendo organizadas no território.

O acolhimento feito pelo grupo foi ainda uma forma de emular outras experiências de recepção de grupos através de roteiros que estão sendo produzidos.



Produtos da sociobiodiversidade também foram apresentados



Roteiros de Turismo de Base Comunitária contarão as memórias e histórias da comunidade

Organização de Roteiros de Turismo de Base Comunitária no Quilombo Dona Bilina

Neste período, o projeto atuou na produção dos roteiros de turismo de base comunitária no Quilombo Dona Bilina, que estão em conjunto com as ações de cartografia social participativa. A cartografia é um método que promove e facilita processos de planejamento e gestão do território das comunidades locais, sendo uma ferramenta fundamental para a negociação com diferentes atores, para expor conflitos no território e para fortalecer potencialidades e processos organizativos.

A proposta da atividade de cartografia no território mapeou os roteiros de turismo feitos pela equipe do projeto. A consultora em museologia social, Júlia Pereira e a antropóloga Stella Cárceres realizaram o trabalho. Os conteúdos gerados com a pesquisa serão utilizados na produção de folders e, também, para o fascículo da cartografia.

Intercâmbio no Quilombo do Campinho

A experiência de intercâmbio de quilombos foi realizada nos dias 11 e 12 de junho no Quilombo Campinho da Independência em Paraty, com uma programação de trocas culturais com rodas de jongo, apresentações de artistas da comunidade e da Banda Realidade Negra. O evento reuniu os quilombos do Camorim, Cafundá Astrogilda, Dona Bilina e o Quilombo anfitrião do evento, Campinho da Independência.

Rosilane Almeida, integrante do Quilombo do Camorim comenta sobre a riqueza das trocas ocorridas durante o evento: *“A importância do intercâmbio é mais do que viajar para um território desconheci-*



Integrantes das comunidades quilombolas no intercâmbio no Quilombo do Campinho

Integrantes das comunidades quilombolas no intercâmbio no Quilombo do Campinho



do, é estreitar as potências que lutam pelos mesmos ideais. Este encontro traz o sentimento de felicidade, pois fortalece a esperança que, muitas vezes, acaba adormecendo dentro de nós”. A programação contou a participação do evento Batuque na Cozinha, composto por artistas locais.

O segundo dia do intercâmbio foi uma oportunidade de conhecer os espaços do território, suas cachoeiras e demais riquezas naturais. Os participantes também conheceram a iniciativa do senhor Silvio, criador do projeto autossustentável do restaurante, com fosse ecológica e utilização de esterco para a produção de gás. Com as impressões da vivências, Rosilane comenta: “nenhum quilombo é igual ao outro e isso que nos faz ser especiais, cada um com suas diversidades, lutas, conquistas, mas na hora da dificuldade juntamos nossas forças e conhecimentos para se tornar uma grande barreira de resistência, literalmente somos um”. O intercâmbio teve participação

“nenhum quilombo é igual ao outro e isso que nos faz ser especiais, cada um com suas diversidades, lutas, conquistas, mas na hora da dificuldade juntamos nossas forças e conhecimentos para se tornar uma grande barreira de resistência, literalmente somos um”.

– Rosilane Almeida

tanto dos mais velhos, quanto dos mais jovens integrantes dos quilombos.

Curso de Condutores

Neste bimestre, aulas de campo muito especiais aconteceram no Curso de Condutores do PEPB! No dia 25 de junho aconteceu aula de Manejo de Trilhas com os guarda-parques Rafael Ribeiro e Renan Zanatta. A aula contemplou aspectos teóricos e práticos para o manejo das trilhas, e juntos, alunos e instrutores manejaram um trecho da trilha para o Quilombo Cafundá Astrogilda que necessitava de reparos.

A aula além de muito prática também gerou assuntos importantes para a compreensão sobre a necessidade de organização coletiva para a manutenção das trilhas. O dia terminou com um delicioso almoço no Cantinho do Sossego.

Nos dias 23 e 24 de julho alguns alunos do Curso realizaram estágio no Quilombo Cafundá Astrogilda. No dia 23 de julho, Elisa, Ivani e John conduziram um grupo pelo Caminho do Cafundá



Elisa Facó, Paulo Martin, Ivani Rosa, Adilson Mesquita e Sandro Santos na atividade do Curso de Condutores do PEPB



Paulo Martins, André Luiz Ferreira, Tati Mesquita, Carol Santana e Jonathan William após atividade do curso, no Cantinho do Sossego

num roteiro eco-histórico-cultural). Alguns dos temas abordados foram: história do quilombo, com destaque para o Núcleo Dinda Laura, os griots, as festas e impactos ambientais da urbanização no território.

No dia 24, a condução foi iniciada no Bar Tô na Boa, e Paulo Martins, aluno do curso, apresentou o restaurante e um pouco de sua história. Foram também destacadas outras pessoas e comércios que contribuem para o crescimento do comércio gastronômico do local, bem como, o local onde é produzida a cerveja Aquela.

Durante as caminhadas, foram realizadas paradas importantes para a troca sobre a história local e também para o descanso dos participantes, são elas: entrada do núcleo Dinda Laura, a guarita e cancela de entrada do PEPB, área de reflorestamento, o portal do núcleo Astrogilda e a cachoeira.

A parada final nos dois dias também foi no Cantinho do Sossego, onde o grupo pôde descansar, al-



Aula de manejo de trilhas

moçar e fazer uma breve avaliação da atividade.

Já no dia 30 de julho, fomos conduzidos pelo aluno do curso de condutores, guarda-parque e liderança comunitária Sandro Santos. Novamente, subimos

pelo Caminho do Cafundá, e novas questões foram debatidas no caminho, como os conflitos socioambientais no território, o papel das associações e dos grupos organizados de Turismo de Base Comunitária, empreendedorismo e educação ambiental. Também visitamos o Seu Carmélio, um dos griots do quilombo, o Rancho do Saci, e ao final, fizemos uma conversa de avaliação do curso.



A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é sistematizar as ações e garantir a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação Editorial
Bruna Távora e Ingrid Pena

Produção de Conteúdo
Murilo Holanda e Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Diagramação
Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

[Boletim 1](#)

[Boletim 2](#)

[Boletim 3](#)

[Boletim 4](#)

[Boletim 5](#)

[Boletim 6](#)

[Boletim 7](#)

[Boletim 8](#)

[Boletim 9](#)

[Boletim 10](#)

[Boletim 11](#)



PROJETO
SERTÃO
CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

**Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA
que executa o projeto**

**Lideranças Territoriais
e Agentes Comunitários**

Sandro Santos e Maria Lúcia
Mesquita, Alice Franco e Rosilane
de Almeida.

**Coordenador Geral do
Programa de Agricultura
Urbana e Supervisor
Metodológico do projeto**

Márcio Mendonça

Coordenadora geral do Projeto

Ingrid Pena

Coordenadora Social

Caroline Santana

Assessoras Agrícolas

Letícia Ribeiro

Assessoras de Comunicação

Bruna Távora e Mariana Portilho

**Assistente financeiro
e de tesouraria**

Camilla Lima e Bárbara Batista

Estagiários

Geovana de Melo, Michel Cole,
Adilson Mesquita Júnior, Caroline
Rodrigues e Thaís Martins

Para saber mais:

www.aspta.org.br

www.aspta.org.br

Instagram: @agroecologiaaspta @projeto.sertao.carioca

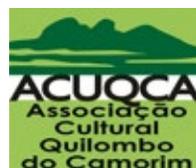
Facebook :asptaagroecologia

E-mail: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO



PARCERIA



PATROCÍNIO

